

**A FILOSOFIA DA LIBERTAÇÃO E BEM VIVER:  
GÊNESE E PRETENSÃO CRÍTICA DO  
PENSAMENTO**

[THE PHILOSOPHY OF LIBERATION AND WELL LIVING:  
GENESIS AND CRITICAL PRETENSION OF THOUGHT]

Arivaldo Sezyshtha

*Doutor em Filosofia e Pós-doutorando pela UFPB  
(E-mail: [aryasa@bol.com.br](mailto:aryasa@bol.com.br))*

Recebido em 01/03/2018. Aprovado em 18/05/2018

**A filosofia da libertação e bem viver: gênese e pretensão crítica do pensamento**  
SEZYSHTA, Arivaldo

**Resumo:** Este artigo tem por objeto apresentar a Filosofia Política Crítica da Libertação em Enrique Dussel, analisando sua gênese e evolução e mostrando a influência decisiva da filosofia da práxis de Karl Marx para esse pensamento, em especial a partir do conceito de exterioridade, entendida como sendo o âmbito onde o outro se revela, onde permanece livre em seu ser distinto. A exterioridade, precisamente, é tida pela Filosofia da Libertação como a categoria principal do legado marxiano e pressuposto teórico fundamental, que viabiliza o discurso de Dussel, sobretudo na opção radical pela vítima, marca de seu pensamento filosófico. Mediante isso, aqui se assume a tese de que há em Dussel uma parcialidade pela vítima: seu pensamento está construído, propositalmente, em favor da vítima. O esforço deste trabalho é o de mostrar que a opção pela vítima será o fio condutor de todo seu pensar, o que cobra da Filosofia da Libertação uma pretensão crítica de pensamento, fazendo com que o labor filosófico seja desafiado e provocado pela necessidade real de auxiliar a vítima, exigência do povo latino-americano em seu caminho de libertação. Em termos de resultado, para além da importância atual do pensamento marxiano para a compreensão da realidade e a crítica ao capitalismo, ressalta-se a relevância teórico-prática do pensamento dusseliano para a Filosofia Política como um todo, pelas suas contribuições no cenário contemporâneo, pela coragem em apontar em direção a outra sociedade, trans-moderna e trans-capitalista, já em curso nas práticas coletivas de Bem Viver.

**Palavras-chaves:** Filosofia. Libertação. Enrique Dussel. Bem Viver.

**A filosofia da libertação e bem viver: gênese e pretensão crítica do pensamento**  
SEZYSHTA, Arivaldo

**Abstract:** This article aims to present the Critical Political Philosophy of Liberation in Enrique Dussel, analysing its genesis and evolution and showing the decisive influence of Karl Marx's philosophy to his thought. Especially from his concept of exteriority, understood as being the space where the other reveals itself, where it remains free in its distinct being. The Externality, precisely, is considered by the Philosophy of Liberation as the main category of the Marxian legacy. It is the fundamental theoretical presupposition, which makes Dussel's speech possible, mainly in the radical choice for the victim, the hallmark of his philosophical thought. Hereby the assumption is made that there is in Dussel a partiality for the victim: his thought is purposely constructed in favour of the victim. The effort of this work is to show that the option for the victim will be the guiding thread of all his thinking, which demands from the Philosophy of Liberation a critical pretension of thought. Thus, causing the philosophical work to be challenged and provoked by the real need to help the victim, the demand of the Latin American people in their way of liberation. In addition to the current importance of Marxian thought for the understanding of reality and the critique of capitalism, the theoretical-practical relevance of Dusselian thought for Political Philosophy as a whole is emphasized by its contributions in the contemporary scenario, by the courage to point towards another society, trans-modern and trans-capitalist, already under way in the collective practices of Well Living.

**Keywords:** Philosophy. Release. Enrique Dussel. Well living.

## 1. INTRODUÇÃO

A Filosofia da Libertação, definida por Enrique Dussel como “um saber teórico articulado à práxis da libertação dos oprimidos” (DUSSEL: 1977, p. 247), foi pautando-se enquanto crítica da opressão a partir da tomada de consciência individual e coletiva, enquanto consciência própria da realidade do próprio continente, que irrompe em um modo de filosofar latino-americano, desde América Latina.

Seu ponto de partida é a realidade do continente latino-americano, particularmente do pobre e da vítima, a partir do qual critica o existente e projeta uma emancipação através do imperativo ético que é a transformação do mundo em uma moradia digna para todos, em um *ethos* onde o povo seja capaz de expressar-se a si mesmo, atingindo a autoconsciência, a consciência de suas estruturas culturais, de seus valores últimos, em identidade consigo mesmo.

Para a Filosofia da Libertação, uma filosofia ético-crítica tem surgido na América Latina, colaborando no crescimento do sujeito histórico como comunidade anti-hegemônica de vítimas, contribuindo na superação do sistema de dominação. Esta proposta ético-filosófica se constitui enquanto uma ética material da vida, uma ética crítica a partir das vítimas que, quando irrompem na história, criam o novo. A possibilidade de efetivamente libertar as vítimas é o critério sobre o qual se fundamentam os argumentos desse pensamento crítico-libertador.

## **2. GÊNESE DA FILOSOFIA DA LIBERTAÇÃO**

A partir da preocupação com a questão da libertação, em seu sentido mais abrangente possível, mas especialmente, libertação da miséria e da dominação, intensificou-se, no final da década de 1960, a fala sobre uma filosofia distinta, peculiar e genuína no Continente Latino-Americano. Seguindo um processo histórico que remonta à época da conquista e passa pelos movimentos operários, sem deixar de considerar que na história da América Latina sempre houve lutas por libertação que visavam antecipar e concretizar uma sociedade justa, a Filosofia da Libertação surge no contexto de crise do pós-guerra e depois da crise capitalista, desenvolvendo teoricamente, perante a questão da dependência, um novo discurso frente às ciências sociais, propondo uma nova práxis que fosse capaz de contribuir, a partir do enunciado da novidade do Outro, para o resgate da humanidade negada.

No Segundo Congresso Nacional de Filosofia, realizado em 1971, em Córdoba, Argentina, discutiu-se sobre a “possibilidade ou impossibilidade de uma filosofia concreta latino-americana, frente a uma filosofia universalista, abstrata, euro-norte-americana” (DUSSEL: 1977, p. 198). Três anos depois, em 1974, no Simpósio sobre “Dependência cultural e criação de cultura na América Latina”, ocorrido em Buenos Aires, já se falava abertamente da filosofia latino-americana como filosofia da libertação. É Leopoldo Zea quem apresenta a conferência intitulada “A filosofia latino-americana como filosofia da libertação”.

**A filosofia da libertação e bem viver: gênese e pretensão crítica do pensamento**  
SEZYSHTA, Arivaldo

Contudo, desde 1969, Dussel diz pôr em prática a Filosofia da Libertação<sup>1</sup> e, a partir de 1970, começa a trabalhar esse tema, especialmente em suas aulas na Universidade Nacional de Cuyo, em Córdoba, como se pode ler a partir de sua própria descrição: “Desde janeiro de 1970 comecei meus cursos de ética com a hipótese de fundamentar uma Filosofia da Libertação Latino-americana. Desta maneira reunia, só agora, minha recuperação da barbárie com a filosofia” (DUSSEL: 1979, p. 17).

No entanto, a filosofia latino-americana, enquanto Filosofia da Libertação, começou a ganhar cidadania latino-americana com o Primeiro Colóquio Nacional de Filosofia, que aconteceu na capital do estado de Michoacán, Morélia, no México, de 4 a 9 de agosto de 1975. A partir daí aumentam os escritos e congressos sobre Filosofia da Libertação e, igualmente, crescem as críticas a essa filosofia que, apesar disso, afirmar-se-á, com a publicação, por Dussel, em 1977, da obra *Filosofía de la liberación*<sup>2</sup>, enquanto um pensar autônomo dos grandes centros, como pensar da libertação e como filosofia latino-americana, compreendida como práxis libertadora situada neste lugar do planeta e da história, escrita a partir da periferia para a periferia, mas com intencionalidade de se dirigir também ao centro.

---

<sup>1</sup> “Sem querer me arrogar o direito de representar um movimento amplo, a Filosofia da Libertação, que eu ponho em prática desde 1969, toma como ponto de partida uma *realidade* regional própria: a *pobreza* crescente da maioria da população latino-americana” (DUSSEL: 1995, p. 45).

<sup>2</sup> Obra que Dussel assim apresenta: “este curto trabalho, sem bibliografia alguma, porque os livros de minha biblioteca estão longe, na pátria, escrito na dor do exílio, quer ser sentencioso, quase oracular” (DUSSEL: 1977, p. 7).

**A filosofia da libertação e bem viver: gênese e pretensão crítica do pensamento**  
SEZYSHTA, Arivaldo

A partir daí, a Filosofia da Libertação passa a ser definida, pelo próprio Dussel, como: “um saber teórico articulado à práxis da libertação dos oprimidos, fato que pensa em primeiro lugar e como condição de possibilidade de todo outro tema” (DUSSEL: 1977, pp. 247-248).

Esse pensamento libertador foi pautando-se enquanto crítica da opressão a partir da tomada de consciência individual e coletiva, enquanto consciência própria da realidade do próprio continente, que irrompe em um modo de filosofar latino-americano “desde” América Latina e não apenas “em” América Latina, que se propõe a pensar tudo à luz da palavra do povo, entendido enquanto sendo o pobre.

Trata-se de uma filosofia que captou o espírito filosófico da cultura européia sem deixar de estar atenta às preocupações próprias de um continente explorado, assumindo como prioridade e ponto de partida a realidade latino-americana como problema para o pensar filosófico, para uma filosofia distinta que se constitui enquanto proposta de um novo discurso na história da filosofia mundial, capaz de, nascendo latino-americana, ter valor universal, mesmo situada no aqui e no agora desse continente, descobrindo que a verdade está na identidade com os interesses de libertação das classes oprimidas, pois cada oprimido é um ser de direitos. Contudo, uma vez alienado, este ser de direitos termina por exprimir seu não-ser, negando-se como tal. É por isso que Dussel diz que, em toda sua história,

a América Latina fica assim metafisicamente definida em sua situação dis-tinta, única, irrepetível, (porque) único grupo sócio-cultural dependente que tem atrás de si uma Cristandade Colonial ... (mas) sua distinção deriva do fato de ser como o filho dos povos hispânicos e da

**A filosofia da libertação e bem viver: gênese e pretensão crítica do pensamento**  
SEZYSHTA, Arivaldo

Ameríndia, um filho mestiço, novo, único, exterior a toda outra cultura (DUSSEL: 1982, p. 53).

Ocupado em construir uma Filosofia da Libertação, Dussel pergunta se não seria necessário primeiramente proceder a uma libertação da própria Filosofia<sup>3</sup>, pois na história, desde os gregos, apesar dos contra-discursos, a filosofia sempre esteve vinculada ao poder e ao etnocentrismo, pois, como expressa o pensamento decolonial e crítico da periferia,

A oposição dominador–dominado repercute em todas as esferas onde se repete a contradição dos que são em referência aos que não são, dos que têm sobre os que não têm. O vencido define-se por suas privações, que proclama como negação a superioridade do senhor... A filosofia, entre muitas atividades e objetos, aparece como alegoria do poder vencedor (BOULAGA: 1977, p. 16).

A gravidade está no fato de que, na modernidade, o poder do vencedor e o etnocentrismo europeu se mundializou e “universalidade e europeísmo tornam-se idênticos; é desta falácia reducionista que deve libertar-se a filosofia” (DUSSEL: 2000, p. 67).

Esse processo libertário dirige-se para o *ser-mais* que, nas palavras de Paulo Freire<sup>4</sup>, “não pode realizar-se no isolamento, no individualismo,

---

<sup>3</sup> Dussel (2000) explica esse trocadilho, entre filosofia da libertação e libertação da filosofia, dizendo que filosofia da libertação expressa o termo “libertação” enquanto genitivo objetivo, ou seja, enquanto tema. Já quando se refere à libertação da filosofia, refere-se ao genitivo subjetivo, ou seja, o sujeito que a exerce e o próprio discurso exercido.

<sup>4</sup> Em seu livro *Ética da libertação na idade da globalização e da exclusão*, Dussel, ao falar da importância de Paulo Freire no processo da “conscientização” de denúncia e anúncio frente a uma sociedade oprimida na periferia do capitalismo mundial, diz que ele não é simplesmente um pedagogo, “é algo mais. É um educador da “consciência

**A filosofia da libertação e bem viver: gênese e pretensão crítica do pensamento**  
SEZYSHTA, Arivaldo

mas na comunhão, na solidariedade dos existires” (FREIRE: 1974, p. 86). Para isso é necessário, por um lado, uma ruptura com todo e qualquer sistema gerador de dominação e dependência. Por outro lado, esse novo pensamento que se propõe libertador, coloca como imperativo a necessidade de superação das filosofias que historicamente tem funcionado como ideologia a serviço da dominação. Faz isso denunciando a aparente neutralidade do discurso em voga, “alegoria do poder vencedor”, nas palavras de Eboussi Boulaga e responsável pelo genocídio do índio, da escravidão do negro africano e das guerras coloniais da Ásia, nas palavras de Dussel, explicitando, através de outro discurso, rigoroso e filosófico, a vida do povo pobre latino-americano, que Dussel chama de vítima ou comunidade de vítimas, em seu cotidiano marcado pela exploração.

Desse modo, assumindo a perspectiva da vítima, a Filosofia da Libertação se torna a “única filosofia possível entre nós”, não enquanto postura arrogante ou totalitária, mas como posicionamento distinto, capaz de registrar a presença desse pensamento no cenário da mundialização da própria filosofia<sup>5</sup>. Assim se expressam, em 1973, vários autores no texto *A maneira de manifesto*, reproduzido por Dussel na contracapa do livro *Hacia*

---

ético-crítica” das vítimas, os oprimidos, os condenados da terra, em comunidade” (DUSSEL: 2000, p. 427).

<sup>5</sup> Dussel, de forma particular, nunca se negou em reconhecer a importância das diferentes posições filosóficas e não se fechou ao diálogo. Com Karl-Otto Apel, por exemplo, estabeleceu o diálogo Norte-Sul no que se refere à aproximação entre a ética da libertação e a ética do discurso. Nesse sentido, de abertura ao diálogo, a originalidade da Filosofia da Libertação, que parte da realidade latino-americana como problema, não está em negar a tradição filosófica, mas está no diálogo com essa tradição. Como mostra Dussel, ao estabelecer esse diálogo a partir da vítima, “constrói uma mundialidade analógica e concreta, onde todas as culturas, filosofias, teologias possam contribuir com algo próprio, como riqueza da humanidade plural futura” (DUSSEL: 1993, p. 173).

**A filosofia da libertação e bem viver: gênese e pretensão crítica do pensamento**  
SEZYSHTA, Arivaldo

*uma filosofia de la liberación latinoamericana.* Também assim pode ser lida a fala de Dussel que diz que,

o estudo do pensamento (tradições e filosofia) na América Latina, Ásia ou África não é uma tarefa anedótica ou paralela ao estudo da filosofia *simplesmente* (que seria a européia), mas se trata de uma história que resgata justamente o contra-discurso não hegemônico, dominado, silenciado, esquecido e até excluído, o da alteridade da modernidade (DUSSEL: 2000, p. 72).

Por isso, insistindo no que é essencial para esse projeto filosófico, sentenciará que se trata de um contra discurso. Essa clareza de intenção e de objetivo, esse desafio de libertação, esse princípio norteador, já fora expresso no *Manifiesto Salteño*, lançado em abril de 1974, onde se lê que:

Essa prática filosófica de libertação é, não objetivamente, senão substancialmente ‘Latino-americana’. É-nos urgente América Latina, a constituição de seu ser e de sua história, seu processo concreto de libertação e, para cima de uma pretensa ‘universalidade’ da Filosofia Latino-Americana, a concreta busca da universalidade de América Latina na ‘afirmação de sua diferença e sua alteridade’ negada e oprimida (GULDBERG: 1983, p. 297).

Em termos de Brasil, em dois importantes encontros reunindo estudantes, estudiosos, pesquisadores e filósofos da libertação, a Filosofia da Libertação foi assumida nacionalmente: um ocorreu na cidade de Gramado - RS, em setembro de 1988, do qual saiu a “Carta de Gramado”, onde se lê que, para promover o desenvolvimento da Filosofia da Libertação em nível nacional, buscar-se-á “somar esforços, reunindo filósofos de todas as regiões do país, bem como efetivar intercâmbio com todos aqueles que, em qualquer lugar do mundo, principalmente da

**A filosofia da libertação e bem viver: gênese e pretensão crítica do pensamento  
SEZYSHTA, Arivaldo**

América Latina, partilham esse compromisso filosófico libertador” (IFIL: 1988, p. 1).

O segundo encontro se deu na cidade do Rio de Janeiro, em novembro de 1993, e constituiu-se no 1º Seminário Nacional Sobre a Pesquisa Filosófica na América Latina. O Manifesto/Declaração do Rio de Janeiro, citando o poeta popular Patativa do Assaré, diz: “A nossa Filosofia não está suspensa no ar. Não é livro pra se ler, nem ordem pra se decorar. A nossa Filosofia é um jeito diferente d’a gente se libertar” (CAIO: 2003, p. 266)<sup>6</sup>.

A Filosofia da Libertação, em termos de América Latina, percorre esse caminho junto à vítima lançando mão de um método que não é apenas teórico, mas é intrinsecamente ético e político, pois aceitar o Outro como outro “significa já uma opção ética, uma eleição e um compromisso moral: é necessário negar-se como Totalidade, afirmar-se como finito, ser ateu do fundamento como Identidade” (DUSSEL: 1973, p. 125). Daí a necessidade da filosofia “descer de seu pedestal”, permitindo ao filósofo ser mais humilde, eticamente justo, bom, discípulo, sabendo situar-se no face-a-face, no *ethos* da libertação, silenciando-se da palavra dominadora, abrindo-se interrogativamente à provocação do pobre, pronto para escutar antes de falar. Essa postura é já uma opção ética, capaz de conduzir o filósofo a um serviço comprometido com a libertação. Por isso, o tema a ser pensado pela Filosofia da Libertação é encontrado no processo

---

<sup>6</sup> Retomando esses espaços de estudo e diálogo, aconteceu o I Congresso de Filosofia da Libertação no Brasil, em São Paulo, em 2013, sob o tema "Perspectivas do Pensamento de Libertação no Brasil", que contou, entre outros, com a presença do próprio Dussel. Em 2014, aconteceu, em Porto Alegre, o II Congresso, com o tema “Historicidade e os sentidos da libertação hoje”. Em 2015, em Salvador, ocorreu o III Congresso, com o tema “Estéticas e culturas de libertação”.

**A filosofia da libertação e bem viver: gênese e pretensão crítica do pensamento**  
SEZYSHTA, Arivaldo

histórico e concreto da libertação mesma: “o *saber-ouvir* é o momento constitutivo do método mesmo; é o momento discipular do filosofar; é a condição de possibilidade do saber interpretar para *saber-servir*” (DUSSEL: 1973, p. 126).

Dessa forma, a Filosofia da Libertação escandaliza o humanismo europeu por transformar a opressão sofrida em bandeira de luta e escudo de sua humanidade negada. A tradição desse chamado humanismo está sendo desqualificada no terreno da história, como mostram as vítimas de ontem, das invasões coloniais, e as vítimas de hoje, das dívidas sociais. Ergue-se, então, a voz dos que exigem o cumprimento da justiça e do direito a partir de uma antropologia latino-americana, de homens e mulheres antro-geograficamente situados nesse continente, emergindo “desde uma situação de dependência, desde uma opção concreta e efetiva em favor dos oprimidos da terra e desde o contexto da dialética opressão-libertação” (FLORES: 1991, p. 10).

Nessa perspectiva, da possibilidade real de libertação das vítimas coloca-se a Filosofia da Libertação, a partir da periferia, onde estão os que Dussel chama, em uma de suas mais belas páginas, escritas em 1977, os “homens distantes de mentes límpidas”, capazes de pensar a realidade sem ocultamento:

Os homens distantes, os que têm perspectiva da fronteira para o centro, os que devem definir-se diante do homem já feito e diante de seus irmãos bárbaros, novos, os que esperam porque ainda estão fora, estes homens têm a mente límpida para pensar a realidade. Nada têm que ocultar. Como teriam de ocultar a dominação se a sofrem? Como seria sua filosofia uma ideologia, se sua práxis é a libertação diante do centro que combatem? A inteligência filosófica nunca é tão verídica, límpida,

**A filosofia da libertação e bem viver: gênese e pretensão crítica do pensamento**  
SEZYSHTA, Arivaldo

tão precisa como quando parte da opressão e não tem privilégio nenhum a defender, porque não tem nenhum (DUSSEL: 1977, p. 10-11).

Por isso, a Filosofia da Libertação elabora seu discurso a partir da vítima e fundamenta sua *práxis* com a intenção de libertar essa vítima de toda situação de opressão, o que faz com que a libertação se constitua no único *telos* de todo projeto utópico crítico – de toda razão política crítica dusseliana: todo o pensamento e toda a reflexão de Enrique Dussel perseguem, incansavelmente, a transformação das práticas opressivas, aspirando essa libertação a partir do lugar da vítima. Não se propõe, dessa maneira, a uma vez mais interpretar a realidade, mas busca interpretá-la para melhor transformá-la, seguindo a recomendação marxiana feita aos filósofos.

Os pressupostos desse pensamento que se propõe contribuir no processo de libertação da vítima estão sintetizados na questão da alteridade e da exterioridade. A alteridade ganha *status* de princípio condutor desde a origem da Filosofia da Libertação. A exterioridade se torna, a partir da influência de Levinas e de Marx em Dussel, a categoria fundamental, que acabará por explicitar o ponto de partida e o *locus* desde o qual o exercício da racionalidade se efetivará.

Assim, Dussel enfrenta como problema filosófico a subsunção do Outro latino-americano pelo europeu, desde 1492. O que passa a fazer então, através da Filosofia da Libertação, é explicitar a razão do Outro, interpretando-a a partir de sua própria exterioridade do ser. É a alteridade do Outro em sua exterioridade de ser que oferece, justamente, a possibilidade efetiva de um novo caminho para a filosofia, para uma reflexão interpretativa da realidade com fim de transformação. É o

**A filosofia da libertação e bem viver: gênese e pretensão crítica do pensamento**  
SEZYSHTA, Arivaldo

despertar do “sono ontológico” e o “giro descolonizador” de que fala ARGOTE (1979).

Essa propositura de proceder a um giro descolonizador a que se propõe a Filosofia da Libertação ajuda a entender porque a necessidade que Dussel tem de marcar a distinção da Filosofia da Libertação em relação à filosofia tradicional. Trata-se de um pensamento que, por ser distinto, é capaz de negar a negação, ou seja, é capaz de enfrentar a negação do ser latino-americano, efetivado pelo pensamento tradicional.

Por isso, mesmo havendo várias fases no pensamento de Dussel, nunca abriu mão da mais profunda convicção de seu propósito, que é o reconhecimento do Outro e a afirmação de sua vida na distinção de sua alteridade. Trata-se do reconhecimento da singularidade do latino-americano e da particularidade da América Latina, como ser distinto, de distinto caminho. Trata-se de negar a negação.

### **3. DA ONTOLOGIA À CONQUISTA DA AMÉRICA**

A partir da metafísica da alteridade ou da libertação latino-americana, que Dussel contrapõe à ontologia, tida por ele como opressora e responsável também pela dor e a morte imposta à América Latina e ao Terceiro Mundo como um todo, propõe-se analisar o que ocorreu na conquista da América, que ele chama Ameríndia:

Falamos de ‘Ameríndia’ em vez de América porque se trata, durante todo o século XVI, de um continente habitado pelos índios (...) esta é a ‘periferia’ originante da modernidade, constitutiva de sua primeira definição. É a ‘outra face’ do mesmo fenômeno da modernidade (DUSSEL: 2000, p. 79).

**A filosofia da libertação e bem viver: gênese e pretensão crítica do pensamento**  
SEZYSHTA, Arivaldo

Já a face que se sobressai historicamente é a face dos vencedores europeus, responsáveis pela conquista, que, a um só tempo, destruiu a cultura pré-colombiana existente no Continente e desagregou o ser do homem americano pelo estabelecimento violento de outra cultura. Nesse sentido, referindo-se à forma como o homem latino-americano ingressou na civilização ocidental, diz Caldera:

de forma violenta e pela porta dos fundos, entra o homem americano na civilização ocidental. Cultural e moralmente marginalizado, não só por sistema como também por natureza étnica, diminuído e obrigado a trabalhar em condições iguais às do escravo, inicia sua vida ocidental com desvantagem diante dos indicadores desta civilização (CALDERA: 1984, p. 30).

A essa conquista soma-se a conquista de parte da África e do sudeste asiático, verdadeira expansão do homem moderno, que se totaliza, que nega a alteridade antropológica do índio, do africano e do asiático<sup>7</sup>, pois, militarmente, o Outro é negado, alienado, subsumido em sua distinção, até ser incorporado à totalidade dominadora como coisa, como instrumento, como oprimido, como índio *encomendado* e posteriormente assalariado nas futuras fazendas ou como africano escravo nos engenhos de açúcar.

---

<sup>7</sup>A negação da alteridade antropológica do índio é mensurável: no Brasil de 1500 eram aproximadamente seis milhões de indígenas. Hoje são aproximadamente 750 mil. Contudo, “como resultado da resistência e organização dos próprios indígenas e do trabalho de entidades como o Conselho Indigenista Missionário (CIMI), entre outras, o número de pessoas solidárias a população indígena vem crescendo a cada ano (...) trata-se de um verdadeiro ressurgimento étnico (chamado de etnogênese), que tem levado à intensificação das mobilizações, pela conquista dos direitos, ocupando, inclusive, um lugar no cenário político nacional” (SEZYSHTA: 2003, p. 22).

**A filosofia da libertação e bem viver: gênese e pretensão crítica do pensamento**  
SEZYSHTA, Arivaldo

Nessa perspectiva, desde 1492, a América Latina é vítima da manifestação explícita de uma Europa conquistadora, expansionista e dominadora do índio enquanto não-ser, alienado e objetivado. Daí a perda da noção de ser, que passa não mais a ser vista a partir do indígena, primeiro habitante do continente, mas a partir do europeu colonizador. É esse ocultamento do ser latino-americano que é criticado pela metafísica da libertação latino-americana. Desocultá-lo para poder decifrá-lo a partir da sua realidade será a tarefa primordial da Filosofia da Libertação. Por isso, Dussel insistirá na pretensão de construir uma Filosofia da Libertação do Outro, daquele que está fora e distante dos horizontes do mundo hegemônico.

Caracterizando essa opressão européia, e, portanto, a realidade geradora de vítimas, Dussel dirá que “Desde o século XVI até o século XX, a América Latina é um Continente ontologicamente oprimido por uma ‘vontade de poder’ exercida pela totalidade européia” (DUSSEL: 1984, p. 216), que impõe ao Terceiro Mundo um capitalismo periférico responsável pela fome, a miséria, a dor e a morte dos pobres, por constituir-se em “fechamento do Ser e impedimento de um verdadeiro pensar, pensar sobre e a partir da realidade” (ZIMMERMANN: 1987, p. 147).

A novidade na propositura de Dussel visa desmascarar esse discurso opressor, essa ontologia que está a serviço do ocultamento do ser latino-americano, propondo um discurso que não parte da filosofia para interpretar a cotidianidade, mas que, ao contrário, parte da cotidianidade em direção à filosofia. Trata-se de um movimento inverso, que visa

**A filosofia da libertação e bem viver: gênese e pretensão crítica do pensamento**  
SEZYSHTA, Arivaldo

inverter igualmente o resultado, que seja capaz de perceber o outro, como distinto, como diferente, como outro, contribuindo com a sua libertação.

Aqui se situa o dilema da Filosofia da Libertação, de estar, ao mesmo tempo, ligada às próprias raízes sem negar a contribuição do pensamento exógeno, pensando os problemas filosóficos a partir da periferia. Essa percepção do outro não foi capaz de ter o pensamento do centro, representado, para Dussel, na Antigüidade pela Grécia e na Modernidade pela Europa, que mesmo humanista se tornou opressora. Daí a necessidade de inventar outro caminho, já anunciado por Franz Fanón em 1961 e, antes dele, por José Martí em 1891 e por Bartolomé de Las Casas, em 1552, dentre muitos outros. Nas palavras de Franz Fanón, trata-se da urgência de deixar a Europa: “Deixemos essa Europa que não cessa de falar do homem, enquanto o massacra em todas as partes em que o encontra, em todas as esquinas de suas próprias ruas, em todas as esquinas do mundo” (FANON, 1979, p. 271).

Para José Martí urge a necessidade de criar desde outra Grécia, que a Filosofia da Libertação dirá ser a periferia, o Terceiro Mundo: “Nossa Grécia é preferível à Grécia que não é nossa. É-nos mais necessária” (MARTÍ: 1987, p. 40). Por isso, concluirá o próprio Martí: “a salvação está em criar. Criar é a palavra de passagem dessa geração” (MARTÍ: 1987, p. 42). Criar desde América Latina é o que tem feito a Filosofia da Libertação.

Para Bartolomeu de Las Casas, citado por Dussel como precursor da Filosofia da Libertação (sua primeira fase) e para indicar que os antecedentes desse pensamento libertador são mais antigos que a própria filosofia moderna europeia, a forma como os europeus fizeram para

**A filosofia da libertação e bem viver: gênese e pretensão crítica do pensamento  
SEZYSHTA, Arivaldo**

dominar a periferia e extirpar da face da terra as “miseráveis nações”, resume-se na guerra e na servidão. Diz ele:

Sobre esses cordeiros tão dóceis, tão qualificados e dotados pelo seu Criador como se disse, os espanhóis se arremessaram; e como lobos, como leões e tigres cruéis, há muito tempo esfaimados, de quarenta anos para cá, e ainda hoje em dia, outra coisa não fazem ali senão despedaçar, matar, afligir, atormentar e destruir esse povo por estranhas crueldades (LAS CASAS, 1996, p. 26).

Dussel atribui esse pensamento ontológico e essa prática opressora à cristandade, que acaba por abençoar e sacralizar a dominação, geradora de novas vítimas: a colonização, ao proceder o confronto entre dois mundos, tornou-se responsável pela dominação de um sobre o outro, propiciando a destruição do mundo ameríndio sob o pretexto de conquistá-lo, em nome do cristianismo.

#### **4. CONCLUSÃO**

A Filosofia da Libertação não rejeita a contribuição das culturas do centro, mas a prepotência e a arrogância de um saber que tenta se impor como sendo “o saber”, que, ideologicamente, dominou toda a América Latina, o que permite dizer que muito da filosofia cultivada entre nós não passou de um simples jogo contemplativo e acadêmico, sem importância alguma para a libertação dos oprimidos.

Contra essa reprodução de um conhecimento pouco relevante para a vida prática das pessoas, a Filosofia da Libertação nega o ser e sua *mesmidade* em nome dos povos periféricos, a partir da sua pulsão de

**A filosofia da libertação e bem viver: gênese e pretensão crítica do pensamento**  
SEZYSHTA, Arivaldo

alteridade, responsável por mobilizar, transformar e subverter a própria realidade, com atitude sempre de abertura ao novo, capaz de anunciar a utopia de *outros mundos possíveis*, agrupados em torno da temática do Bem Viver.

Assim, recoloca-se a questão da importância da revolução ecológica, postulada pela Filosofia da Libertação, dada a desvalorização da natureza e a crise ambiental a que chegamos. E ressurge a necessidade, no plano teórico e prático, da mudança no modo de pensar e de agir, colocando o bem comum acima dos interesses individuais, pois a tarefa filosófica segue sendo proceder à práxis-transformadora.

O Bem Viver está fazendo, conceitualmente e na vivência de diferentes experiências em curso, essa revolução ecológica, criticando e combatendo o desenvolvimentismo, oportunizando novas maneiras de organizar a vida. Essa possibilidade de vislumbrar a superação do conceito do desenvolvimento se constitui, como quer ACOSTA (2016), um passo qualitativo importante, pois “o Bem Viver aceita e apoia maneiras distintas de viver, valorizando a diversidade cultural, a interculturalidade, a plurinacionalidade e o pluralismo político” (ACOSTA, 2016, p. 240). Ou, como quer LATOUCHE (2009), “viveríamos melhor de outra maneira”, fora de um sistema que nos leva à catástrofe.

Viabilizando, portanto, seu próprio projeto utópico crítico, nasce outro paradigma, não mais eurocêntrico, mas mundial, o que possibilita à Filosofia da Libertação fazer a crítica à Modernidade e ao capitalismo, contribuindo na libertação da vítima através de uma Ética, uma Política e uma Economia da Libertação, ainda em construção.

**A filosofia da libertação e bem viver: gênese e pretensão crítica do pensamento  
SEZYSHTA, Arivaldo**

A Filosofia da Libertação inspira-se em Marx para construir seu próprio projeto utópico-crítico ao entender que filosofar só é possível a partir da realidade, procedendo, assim, a uma crítica do existente e projetando uma emancipação através do *imperativo político* que é a transformação do mundo em uma moradia digna para todos.

A práxis de libertação está presente nas lutas por libertação em todo o mundo. Prova disso se dá com a presença desde sempre das utopias na América Latina: indígena, da Terra Sem Males, dos imigrantes pobres, da libertação da escravidão, do Bem Viver.

Há, portanto, que seguir perguntando, sempre: de que somos prisioneiros para que precisemos nos libertar?

Responder a essa questão exige, primeiramente, compreender que o processo de dominação econômica, via de regra, se faz acompanhar da dominação cultural, através da alienação que é imposta, por proceder a negação da história do dominado, incluindo a imposição também de um pensamento colonizador.

Posto isso, uma das respostas possíveis seguirá sendo: libertar-se das condições que têm historicamente transformado os sujeitos em objetos, em coisas, ou, em linguagem marxiana, libertar-se das condições que operam a subsunção do outro.

**A filosofia da libertação e bem viver: gênese e pretensão crítica do pensamento**  
SEZYSHTA, Arivaldo

## REFERÊNCIAS

ACOSTA, Alberto. *O Bem Viver: uma oportunidade para imaginar outros mundos*. São Paulo: Autonomia Literária, 2016.

ARGOTE, Germán Marquín. *Ensayo Preliminar y Bibliografía*. In: DUSSEL, Enrique. **Filosofía de la liberación latinoamericana**. Bogotá: Nueva América, 1979.

BOULAGA, Eboussi. **La crise Du Muntu: authenticité africaine Et philosophie**. Paris: Présence Africaine, 1977.

CALDERA, Alejandro Serrano. **Filosofía e crise: pela filosofia latino-americana**. Petrópolis: Vozes, 1984.

CAIO, José Sotero. *Manifesto-Declaração do Rio de Janeiro/1993*. In: PIRES, Cecília Pinto (Org.) **Vozes silenciadas: ensaios de ética e filosofia política**. Ijuí: Editora Injuí, 2003, p.263-271.

CASALLA, Mario Carlos. **Razón y liberación: notas para una filosofía latinoamericana**. Buenos Aires: Siglo XXI, 1973.

DUSSEL, Enrique. **Filosofía da libertação - na América Latina**. São Paulo: Loyola, 1977.

\_\_\_\_\_. **Filosofía de la Liberación Latinoamericana**. Bogotá: Nueva América, 1979.

\_\_\_\_\_. **Para uma ética da libertação latino-americana III: eticidade e moralidade**. São Paulo: Loyola, 1982.

\_\_\_\_\_. **Filosofía de la producción**. Bogotá: Editorial Nueva América, 1984.

\_\_\_\_\_. **Ética comunitária**. Madrid, Ediciones Paulinas, 1986.

\_\_\_\_\_. **Introducción a la filosofía de la liberación**. Bogotá: Nueva América, 1988.

**A filosofia da libertação e bem viver: gênese e pretensão crítica do pensamento**  
SEZYSHTA, Arivaldo

\_\_\_\_\_. **1492 – O encobrimento do Outro:** a origem do mito da modernidade. Petrópolis: Vozes, 1993.

\_\_\_\_\_. **Filosofia da libertação:** crítica à ideologia da exclusão. São Paulo: Paulus, 1995.

\_\_\_\_\_. **Filosofia de la Liberación.** Bogotá: Editorial Nueva América, 1996.

\_\_\_\_\_. **Ética da libertação na idade da globalização e da exclusão.** Petrópolis: Vozes, 2000.

\_\_\_\_\_. **Hacia una filosofía política crítica.** Bilbao: Desclée, 2001.

\_\_\_\_\_. 20 teses de política. São Paulo: Expressão Popular, 2007.

FANÓN, Franz. **Os condenados da terra.** Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1979.

FLORES, Alberto Vivar. **Antropologia da libertação latino-americana.** São Paulo: Paulinas, 1991.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido.** Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1974

GULDBERG, Horacio C. **Filosofia de la liberación latinoamericana.** México: Fondo de Cultura Económica, 1983.

IFIL. **Livre Filosofar:** Boletim Informativo do Ifil, Ano IX, No.18, 1988.

LAS CASAS, Bartolomé de. **O Paraíso perdido:** Brevíssima relação da destruição das Índias. Trad.: Heraldo Barbuy. 6 ed. Porto Alegre: L&PM, 1996.

LATOUCHE, Serge. **Pequeno tratado do decrescimento sereno.** São Paulo: Martins Fontes, 2009.

LÖWY, Michael. **Ecologia e Socialismo.** São Paulo: Cortez, 2005.

**A filosofia da libertação e bem viver: gênese e pretensão crítica do pensamento**  
SEZYSHTA, Arivaldo

MARTI, José. **Política de nuestra América**. México: Siglo XXI, 1987.

SEZYSHTA, Arivaldo José e et al. **Por uma terra sem males**: seminário de formação para educadores e educadoras. Recife: Dom Bosco, 2003.

ZEA, Leopoldo. **Dependencia y liberación en la cultura Latinoamericana**. México: Joaquín Mortiz, 1974.

ZIMMERMANN, Roque. **América Latina o não ser**: uma abordagem filosófica a partir de Enrique Dussel (1962-1976). Petrópolis: Vozes: Petrópolis, 1987.